

# PRÁTICAS EM LETRAMENTO DIGITAL: GRUPO DE *FACEBOOK* COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO PEDAGÓGICA

Rosana Ferreira Alves (UESB)

[alzana70@yahoo.com.br](mailto:alzana70@yahoo.com.br)

Juvanete Ferreira Alves Brito (UFMG/UESB)

[juvanete.alves@uesb.edu.br](mailto:juvanete.alves@uesb.edu.br)

## RESUMO

Este artigo apresenta reflexões de como o lugar virtual ‘grupo de *Facebook*’ pode funcionar como espaço de interação e socialização em que coordenação, docentes e discentes interajam em função de promover andamento de atividades pedagógicas. Para tanto, serão analisadas participações de diversas naturezas e postagens que integrantes disponibilizam no grupo no decorrer da duração do curso de “Pós-Graduação em nível de *Lato Sensu* em Alfabetização e Letramentos”. A base teórica é fundamentada conforme estudiosos que discutem impactos de ambientes virtuais na aprendizagem discente e em práticas docentes, bem como em pesquisas sobre letramento digital (SOARES, 2002; XAVIER: 2005, 2007, 2011, dentre outros).

Palavras-chave: Letramento digital. Rede social. Interações pedagógicas.

## ABSTRACT

This article presents reflections on how the virtual place "Facebook Group" might function as a space for interaction and socialization in which coordination, teachers and students interact in order to promote the progress of pedagogical activities. So, many different kind of participations and available posts made by members of the group during the course “Pós-Graduação em nível de *Lato Sensu* em Alfabetização e Letramentos (*Lato Sensu* postgraduation course on literacy) will be analyzed) The theoretical basis is based in scholars discussing impacts of virtual environments on student learning and teaching practices, as well as research on digital literacy (SOARES, 2002; XAVIER: 2005, 2007, 2011, and others).

Keywords: Digital Literacy. Social Network. Pedagogical Interactions.

## 1. Introdução

Este trabalho apresenta descrições a respeito de como práticas de letramento digital entre integrantes da comunidade de ensino e aprendizagem podem contribuir para o processo de interação em função da formação profissional. Mais especificamente falando, pretende-se desenvolver reflexões do como o lugar virtual ‘grupo de *Facebook*’ pode funcionar como

espaço, em que coordenação, docentes e discentes interajam em função de promover andamento de atividades pedagógicas.

Na oportunidade, ocupando um lugar de coordenação, buscam-se, assim, respostas a questões centrais que estão relacionadas às hipóteses de que o espaço virtual em estudo: (i) configure-se como apropriado para facilitar articulação e desenvolvimento do trabalho pedagógico, considerando a atuação da coordenação dos docentes e de discentes? (ii) constitua-se como colaborador para a disponibilização e socialização de informações para fins de promoção de formação profissional complementada por cursos e eventos de extensão? (iii) É de caráter oportuno em função de servir de exemplar de como a instituição (por meio da coordenação e/ou docente) pode viabilizar usos de instrumentais tecnológicos para potencializar aspectos pedagógicos da docência?

A base teórica fundamenta-se em pilares da linguística e da educação, especificamente, em discussões sobre letramento digital, ensino e aprendizagem em ambiente virtual, tais como: Magda Becker Soares (2002), Antonio Carlos Xavier (2005; 2007; 2011), dentre outros. Sobre o suporte metodológico, utiliza-se a pesquisa Etnográfica de cunho qualitativo. Os dados foram coletados do ambiente virtual ‘grupo fechado de *Facebook*’ (intitulado grupo PosAle-DCHL) que se constitui um espaço exclusivo para fins de diálogos, postagens e socialização dos integrantes (coordenação, docentes e discentes) do “curso de pós-graduação em nível *Lato Sensu* intitulado em Alfabetização e Letramentos”, promovido pelo Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em modalidade presencial e modular (sendo oferecido 1 módulo de 45 horas a cada mês, com aulas concentradas em uma semana (de segunda à sexta), durante 10 meses, perfazendo assim um total de 450 horas aula.

## **2. *Letramento digital como necessidade básica em contextos pessoal e profissional***

O letramento digital pode ser interpretado como uma das modalidades de letramento, em que eventos de leitura e escrita se dão por meio de usos de aparatos tecnológicos, os quais podem potencializar essas práticas, sobretudo, por meio de aplicativos típicos do universo da Internet, como *sites* de pesquisas, revistas científicas, comunidades virtuais, etc. Assim, as práticas de leitura e de escrita, como eventos de letramento, situam-se em nova dimensão, as quais ultrapassam a realidade instaurada

por meio da criação da imprensa (SOARES, 2002) e se configuram como eventos situados na realidade social, histórica e culturalmente situada (BAZERMAN, 2007; MILLER, 2012). Em outros termos, por letramento digital entende-se diversidade de habilidades que podem e devem ser utilizadas por indivíduos em função de acionar comandos que possibilitam aberturas de portas para trânsito em espaços virtuais ou virtualizados.

Em diversas áreas do saber, sobretudo, nas ciências das linguagens e da educação, o tema ‘letramento digital’ tem sido pesquisado e debatido, eis algumas contribuições: Magda Becker Soares (2002), em que são abordadas práticas de leitura, escrita e letramento na cibercultura; Maria Teresa Freitas (2010) em que se apresenta discussão a respeito de letramento digital e a formação de professores; e Antonio Carlos Xavier (2011) com investigações sobre a escola e a aprendizagem em contexto de letramento digital.

Magda Becker Soares (2002) apresenta o conceito de letramentos tendo em vista práticas de leitura e de escrita em contexto de tecnologias digitais. Para tanto, a autora estabelece confronto entre os mecanismos dessas práticas no que se refere ao espaço, produção, reprodução e difusão, considerando realidades de tecnologias tipográficas e digitais. Para descrever o conceito de letramento digital, a autora revisa os conceitos de letramento deixando claro que devido à multiplicidade de sentidos, dependendo, sobretudo, de práticas social e historicamente contextualizadas, a palavra deve ser pluralizada e defende também a existência de letramentos e não letramento. Buscando, assim, caracterizar a necessidade da utilização desse termo de forma pluralizada, a autora apresenta problematização para o entendimento de letramentos, em consonância com linha do tempo, em que aborda: “da oralidade à escrita”, “tecnologias de escrita e letramento”, “tecnologias tipográficas e digitais de leitura e de escrita”.

Conforme Valeska Virgínia Soares Souza (2007), esse letramento pode ser entendido como prática social e culturalmente construída. Nessa perspectiva, letramento digital se configura como “uma complexa série de valores situados social e culturalmente envolvidos em operar linguisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos que incluem leitura, escrita e comunicação”, (SELFE, 1999, *apud* SOUZA 2007, p. 59). Em outras palavras, para ser letrado digital requer apresentar-se apto a realizar práticas interativas em ambientes virtuais, em situações diversas, com objetivos variados, para fins pessoais ou profissionais, a exemplo de troca eletrônica de mensagens (via *E-mail*, *SMS*, *WhatsApp*) e de busca de informações na *Internet* (busca e seleção de texto etc.).

Assim como existe o analfabetismo, se configura também como realidade preocupante a ausência de habilidades em letramento digital. Preocupante porque, em diversos seguimentos da sociedade, a inserção do indivíduo ao trânsito e fácil acesso ao universo digital não está sendo uma questão de opção, mas de necessidade. Assim, sendo, na atualidade, no mínimo, as pessoas que não transitam na cibercultura têm dificuldade de manterem-se estáveis em alguns espaços conquistados e, em muitos casos, há grande probabilidade de se tornarem dependentes de pessoas que transitam sob a pena de não perderem conquistas previstas. Isso pode ser exemplificado conforme o seguinte: se no início do milênio era preocupante não saber preencher um formulário para se entrar com petição em função de adquirir algum benefício, direito ou vantagem, hoje é preocupante não saber transitar por espaços virtuais em função de localizar o formulário para preenchimento e envio.

Diante desse contexto de letramento digital, exige-se do leitor o posicionamento de autor no processo de seleção de informações confiáveis e adequadas à construção do conhecimento, necessitando-se assim, manter-se atento à questão da autoria e à credibilidade das informações disponíveis. Na condição de leitor, há necessidade de se portar ou estar apto a adquirir competências de explorar aspectos multimodais presentes nos textos e hipertextos que são característicos de ambientes virtuais. Seria simplório tentar estabelecer parâmetro único para avaliar o letramento digital, visto que cada situação pode requerer habilidade específica, entretanto, pode-se falar em níveis de letramento digital, considerando a familiarização do usuário de ambientes virtuais, devido a sua exposição a situações diversificadas em diferentes contextos de infoletramentos. Conforme Antonio Carlos Xavier, o conceito de letramento digital:

Trata-se de novas práticas lecto-escritas e interacionais efetuadas em ambiente digital com intenso uso de hipertextos *on* e *off-line* (...), bem como se caracteriza por uma intensa prática de comunicação por meio dos novos gêneros digitais mediados por aparelhos tecnológicos. (XAVIER, 2011, p. 6)

Segundo o autor, nesse contexto a aprendizagem se configura como um processo por meio do qual ocorre transformação mental por parte do aprendiz. Para o autor, a aprendizagem acontece de acordo com a visão Sociointeracionista, ou seja, como consequência de práticas de interatividade do indivíduo com a máquina, ou com outro indivíduo, assim, “Isto acontecerá se houver momentos de experimentação concreta do sujeito, precedida por observação intensa ou pela exposição sistemática de um saber a partir de outrem, normalmente, mais experiente”. (XAVIER, 2011,

p. 5)

Situa-se o letramento digital, como necessidade básica (senão vital) para a atuação individual e coletiva de forma integral, em diversos espaços sociais do século XXI. Diante disso, a escola, pode e deve situar como agência de práticas de letramento digital, cumprindo assim a sua função essencial de “propiciar condições adequadas para que o aprendiz se aproprie de saberes técnicos, éticos e estéticos.”, conforme Antonio Carlos Xavier (2011, p. 5). A escola pode utilizar-se de práticas de letramento digital, em função desenvolver práticas de aprendizagem, considerando-se, sobretudo, que se vive em era na qual os nativos digitais e os usuários que se adequaram as tecnologias virtuais movidos, principalmente, por necessidade profissional (no caso de usuários de gerações anteriores, como os acima de 40 anos de idade) investem muitas horas do seu dia conectado à Internet, conforme apontam os dados no gráfico (3) em Antonio Carlos Xavier (2011, p. 10). Assim, de acordo como o autor:

Se o objetivo da escola é tornar possível a aprendizagem aos alunos, as tecnologias podem muito bem ajudar a alcançar essa meta. Tornar a absorção de todo e qualquer conteúdo o mais suave e palatável possível é missão de todo educador auxiliado pelas tecnologias; isso porque elas parecem conspirar a favor dos sujeitos que dela bem se utilizam. (XAVIER, 2011, p. 11)

É inegável que a atuação da escola como agência de letramento digital, de fato, só pode se tornar realidade se os processos de ensino e aprendizagem mediados por professores não se abstiverem de utilizar tecnologias em função do ensinar e do aprender e, para isso, tanto o espaço escolar, quanto os docentes precisam estar devidamente adaptados e preparados. Em se tratando de formação de profissionais ligados à educação, há grande preocupação em execução de projetos que venham promover práticas de letramentos digitais, sobretudo a professores, visto que esses são, em potencial, ou devem ser, os possíveis multiplicadores de indivíduos digitalmente letrados e, também, porque esses profissionais podem e devem utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação em função da promoção de melhor desempenho em seus afazeres didáticos e pedagógicos.

O universo da cibercultura apresenta diversas possibilidades de uso em função do planejamento e execução de práticas educativas significativas para todos os que estão envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. E é por conta disso que ele vem sendo amplamente investigado por estudiosos de diversas áreas do saber. (SOARES, 2002; XAVIER, 2007 e 2011; FREITAS, 2010)

Antonio Carlos Xavier (2007) apresenta aspectos que abordam processos cognitivos do aprendiz, de modo a não apenas colaborar com o seu desenvolvimento individual, mas também no sentido de contribuir para sua inserção no mercado de trabalho. Assim, para o autor, o indivíduo que domina novas tecnologias desenvolve habilidades que são interligadas como: a) controlar o funcionamento dos dispositivos técnicos digitais; b) transformar a informação bruta em conhecimento útil; c) aprender a aprender ininterruptamente. Em se tratando de ‘aprender a aprender’, Antonio Carlos Xavier (2007) faz referência aos termos de Piaget “assimilar e adaptar”, os novos conhecimentos aos já acomodados, e explica esse processo cognitivo conforme a seguinte passagem:

*Aprender a aprender é, entre outras coisas, encontrar a própria margem de liberdade para, em termos piagetianos, “assimilar e adaptar” os novos conhecimentos aos já acomodados, conforme o estilo cognitivo, o ritmo de aprendizagem e as formas de percepção do sujeito-aprendiz. Segundo Piaget (1978), aprender é construir conhecimento. Bem dito, aprender é fazer desencadear na mente do sujeito de aprendizagem processos cognitivos complexos como: reconhecer conceitos novos e compará-los aos já estocados na memória seja por afirmações verbais ouvidas e lidas, seja por experiência vivida na prática; encontrar o ponto de “equilíbrio” entre os dados “dados” e os dados recém-chegados à mente, para, ao final do processo, condensar o conhecimento desejado. (XAVIER, 2007, p. 6)*

Eis algumas habilidades típicas daquele que já ‘aprendeu a aprender’, de acordo com Antonio Carlos Xavier (2007, p.6): a) definir com clareza suas necessidades; b) encontrar as informações e dados desejados; c) estimar o valor e relevância das informações; d) reformatar sua base de conhecimento velho em função do novo.

A aprendizagem, conforme o contexto de novas tecnologias, mais do que nunca, centraliza o sujeito aprendiz como autor do processo, visto que o ‘acesso fácil à informação’ e à ‘liberdade de expressão’ são ações de ordem que caracterizam as práticas do discente. Assim, ao docente cabe a nobre e não tão fácil missão de orientá-lo, posicionando-se como aquele que pode e deve conduzir parcialmente o processo de aprendizagem de modo a atribuir às atividades do discente sentidos didático e pedagógico. Em outros termos, a contribuição do docente é contextualizar todos os aspectos do processo de aprendizagem, de modo a oportunizar, o máximo possível de proveito para melhoria da qualidade de vida do discente, contribuindo, assim para seu crescimento integral.

Nesses contextos de ensino e de aprendizagem configurados como inovadores, sobretudo, por decorrência de resultados de transformações

que o uso de tecnologias digitais tem ocasionado no universo social e cultural, as práticas de leitura e de escrita requerem abordagens pedagógicas que ultrapassem os muros das instituições educacionais. Nesse sentido, vive-se em realidade caracterizada por novas formas de aprender, adquirir, gerenciar, potencializar, compartilhar informações, dentre outras ações. Entretanto, uma necessidade evidente, nesse contexto de fácil acesso à informação, é o cuidado que se deve obter em verificar o nível de confiabilidade que a fonte apresenta (bem como confrontar informações de diversas fontes) isso porque dependendo da natureza do sítio ou do espaço virtual, a informação pode ou não obter valor, sobretudo devido à ausência de verdade e/ou de cientificidade. Um bom exemplo disso é o ‘Dicionário Informal’, que se configura uma obra em plataforma na qual as pessoas tanto podem acessar a significados de palavras e ou expressões, quanto podem colaborar para que a obra seja construída, agregando significados ao item que desejar. A referida obra é de natureza colaborativa e encontra-se na *internet* com a seguinte apresentação:

O **dicionário** de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português! (<http://www.dicionarioinformal.com.br/>)

Ainda na página de rosto, a referida obra apresenta a seguinte descrição: “O *Dicionário inFormal* é do caralho! Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português”.

Dentre as palavras mais procuradas do dia no referido *site*, encontra-se ‘criptografar’ que além da informação do significado, apresenta a seguinte informação, sob o título de classificação morfossintática:

Criptografar é um verbo, infinitivo 1ª pessoa singular de criptografar; criptografar é um verbo, infinitivo 3ª pessoa singular de criptografar; criptografar é um verbo, futuro do subjuntivo 1ª pessoa singular de criptografar; criptografar é um verbo, futuro do subjuntivo 3ª pessoa singular de criptografar. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/criptografar>).

Não precisou ultrapassar a primeira busca para detectar que a obra faz jus as palavras utilizadas na página de apresentação. Isso porque, conforme evidencia o fragmento imediatamente acima, o ‘erro’ na classificação e descrição faz parte da natureza da obra. Assim, estabelece-se um novo tipo de autor, isto é, o autor colaborativo. E precisa-se também de um novo perfil de leitor que esteja atento e procure identificar que a validade da informação, considerando, sobretudo, a natureza da obra na qual essa foi encontrada.

### **3. O Facebook como espaço de pedagógico**

O *Facebook*, inicialmente criado para fins de promover estreitamento de laços entre grupo de estudantes da Universidade de Harvard em 2004, vem agregando cada dia mais usuários dos mais variados perfis, fortalecendo-se, assim, como espaço para fins diversificados, como: relacionamentos pessoais e sociais; contatos profissionais e para facilitar e possibilitar a realização de negócios (por decorrência de servir de ponte para acesso a empresas virtuais e também por servir de espaço para realização de propagandas).

Para fins didáticos e pedagógicos, a rede social *Facebook* também vem apresentando grande utilidade, conforme comprovam resultados de pesquisas:

*o Facebook é uma ferramenta que pode ser utilizada como um ambiente virtual de aprendizagem formal, que agrega diversos tipos de mídias em um único ambiente possibilitando e oportunizando a aprendizagem colaborativa, a interatividade e as diversas possibilidades pedagógicas que levam ao aprender a aprender.* (FERREIRA, CORRÊA & TORRES, 2012, p. 15)

Os autores evidenciam que o sucesso no uso da rede social *Facebook* depende da metodologia do professor, assim, dependendo das ações e das propostas, pode-se explorar o ambiente de modo a incentivar a participação dos discentes potencializando a busca e a troca de informações, colaboração, dentre outras ações que constroem os processos de ensino e de aprendizagem.

No artigo “A utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do *Facebook* em uma instituição de ensino superior”, Douglas Paulsky Juliani *et al.* (2012), por meio de experimento do uso dessa rede social em disciplina, apresentam diversos aspectos relacionados ao uso e ao funcionamento dessa mídia em atividades educativas, a exemplo de sugestões para implantação e uma proposta de avaliação da utilização das redes sociais na educação. Essa produção científica é de caráter relevante porque, sob o viés técnico, permite reflexões e prescreve instruções de como recursos da rede social *Facebook* podem ser utilizados para fins de práticas pedagógicas.

Assim, conforme o exposto até então, considerando o universo da cibercultura, a qual já faz parte da rotina de muitos, o tema letramento digital se constitui importante, sobretudo, no que se refere às posturas didática e pedagógica do docente e de gestores de coordenadores de curso. Isso porque o público do processo de ensino e aprendizagem encontra-se



inserido no universo digital ou, até mesmo, é filho da geração tecnológica. O uso de ambientes de redes sociais, apesar de potencialmente se constituir como grande instrumento para fins didáticos e pedagógicos, possibilita margem a discussões contrárias, sobretudo via argumento de que promove demasiada a exposição de seus participantes. Entretanto, sendo esse uso cauteloso, por meio de acionamento de comandos que o próprio espaço, (nesse caso o grupo de *Facebook*) oferece há como explorar esse espaço virtual de forma positiva na construção dos processos de ensino e de aprendizagem. (JULIANI et al, 2012)

#### **4. O grupo de Facebook como espaço pedagógico: experiência da coordenação de curso**

Tendo em vista a experiência de coordenação do curso, comprova-se que o ‘grupo de *Facebook*’ é de grande potencial, considerando, principalmente, as possibilidades que oferece em função não só de articulação para com docentes e discentes, mas também de acompanhamento do desenvolvimento do processo pedagógico em todas as etapas. É negável que existem tantos outros recursos de articulação e socialização de informações e materiais, (a exemplo de *WhatsApp* e *E-mail*), mas considera-se o potencial do grupo de *Facebook* como singular. Isso porque, o *E-mail*, por exemplo, não oportuniza a interação de forma dinâmica e eficaz, apenas se constitui um veículo com repositórios e registros (que são por natureza, muito limitadores).

Assim, para fins de interação e socialização de materiais e eventos diversos, o grupo de *Facebook* se sobressai, por ser multifuncional e multimodal, abrindo, assim, portas para além do possível no aqui e no agora e destacando-se como ambiente que potencializa práticas em função da docência e do aprendizado, de modo que esses aconteçam muito além dos muros institucionais. Conforme os dados disponíveis no grupo em análise (grupo PosAle-DCHL), as participações consistiram, de modo a qualificar o grupo de *Facebook* como espaço:

- 1 em que a coordenação articula facilmente com docentes e discentes, em função de agendar informações necessárias ao bom andamento do curso, como: marcar ou remarcar datas dos módulos e horários das aulas etc.;
- 2 no qual docentes e discentes trocam informações básicas ao bom andamento do curso, bem como disponibilizam e compartilham

materiais didáticos e/ou pedagógicos (a exemplo de textos digitais e/ou digitalizados, programa de disciplina, cronograma de atividade) os quais ficam disponíveis constantemente no repositório;

- 3 expositor de experiências e documentos, como: fotos e outros registros de momentos construtivos da história e da identidade da turma enquanto grupo;
- 4 facilitador de exploração de práticas de letramento digital, a exemplo de divulgação de pesquisas, eventos de áreas de interesse dos integrantes do curso, material didático de apoio que pode ser usado por discentes em contexto de docência etc.

No exemplo (1), a seguir, apresenta-se postagem do material a *Guerra de Canudos em Quadrinhos*, riquíssimo para instrumentalizar o trabalho de leitura e de escrita, e principalmente, para subsidiar discussão de história, em aulas no ensino fundamental I e no II. Essa postagem de grande utilidade foi compartilhada no grupo, sendo visualizada e curtida por muitos, e baixada por alguns.

#### Exemplo (1)

<http://www.matematicapremio.com.br/guerra-de-canudos-em-qu.../>



#### Guerra de Canudos em Quadrinhos -

**Download.** A vida do sertanejo, liderado pelo beato Antônio Conselheiro, em Canudos e sua luta contra a exploração dos coronéis e o esquecimento da República com as populações mais humildes é o pano de fundo de uma das maiores histórias da História do Brasil, relegada e esquecida por muitos anos. Para Fazer o Download clique no link: [HQ\\_canudos\\_PDF](#), (Fonte: <https://www.passeidireto.com/>).

## Exemplo 2: Postagem sobre revista científica

RevirEI - Revista Virtual de Educação Infantil

Primeira edição da *Revista Virtual de Educação Infantil*, uma publicação do NEPIE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil.

Por meio dos dois exemplos acima, demonstra-se o grande poder do ambiente em estudo, para fins de espaço de construção do saber, na condição do discente como autor desse processo. Assim, os usuários do grupo, ao se interessarem por mais informações têm a possibilidade de explorar o *hiperlink*, que se constitui interessante na construção e aquisição do conhecimento, visto que, conforme Antonio Carlos Xavier (2005, p. 6) “já carrega consigo o traço interacional, uma vez que conduz o leitor a outros *sites* indexados à net, colocando-o em contato com uma verdadeira rede de relações interpessoais e interinstitucionais.” Assim, conforme Antonio Carlos Xavier:

O *hiperlink* é uma ferramenta que procura envolver o outro no processo dialógico, chamá-lo à participação ativa na construção do texto digital. Certamente isso propicia mais ação integrada, valorizando as atividades realizadas pelos internautas quando navegam na rede. (XAVIER, 2005, p.6).

## Exemplo (3), sobre nova alteração em horário do Curso:

**Rossana<sup>1</sup> publicou ao grupo - 5 de maio às 18:44**

Dias oficiais das aulas do MÓDULO IX PosAle: Tivemos uma nova alteração a pedido da professora, assim, as aulas serão nos dias 11, 12 e 13 de maio. A alteração ocorreu porque na terça a professora estará ocupada com reunião de Área.

Visualizado por 26

Samuel, Daiane e outras 3 pessoas

**Comentários<sup>2</sup>**

Tamy Para mim ficou bem melhor assim.

Curtir Responder 5 de maio às 20:35

---

<sup>1</sup> Os nomes dos internautas foram alterados para preservar a intimidade das pessoas reais, assim como foram excluídos os links para suas páginas.

<sup>2</sup> Foram excluídas também as fotos, pelo mesmo motivo, para não incorrerem que questão de ética, conforme alerta da comissão avaliadora.

Advoga-se, conforme o exemplo (3) acima, que o grupo de *Facebook* se configura como lugar, por meio do qual, todos têm, ou podem ter, acesso fácil a todos, e como tal, esse lugar pode ser explorado para e como diversos fins: Como coordenação, pode-se expor a experiência com a difícil missão de agendar a data exata, as disciplinas, os horários de cada docente, de forma que se resolvam problemas de diversas ordens, a exemplo de: redimensionar, subitamente, uma nova data ou semana para o curso, em caso de ela ter sido comprometida com a inviabilidade de a instituição não estar mais disponível por questão de movimentos sociais como (greves, paralização, inviabilidade do docente cumprir a data programada devido a possíveis problemas pessoais etc.)

A seguir em (4), exemplifica-se postagem por parte de Professora do Curso para verificar se todos tinham enviado o trabalho de dada Disciplina.

Exemplo (4):

**Juvanete** Publicou no grupo em: 28 de abril às 14:26

Prezados alunos,

Creio que todos alunos já entregaram a avaliação da disciplina Variação Linguística e Ensino. Se alguém ainda não entregou, poderá fazer até amanhã. Prof. Juvanete

Visualizado por 28

Naiana, Chay e Vilminha

**Comentários**

Fernanda Proessora, a minha já está pronta há tempos. Mas preciso de teu email. Mesmo assim, deixarei uma cópia hj no DCHL.

Curtir · Responder · 28 de abril às 14:34

Elielma Sertão Enviei para o seu e-mail pró!

Curtir · Responder · 5 de maio às 08:16

Na condição de espaço de diálogos e trocas entre corpo docente e corpo discente, é também espaço exemplar para o bom andamento de atividades didáticas e pedagógicas como um todo. Assim, conforme exemplo (4) o docente tem fácil acesso ao discente em função de dirimir dúvidas quanto à entrega de trabalho avaliativo.

No exemplo (5), a seguir, registra-se solicitação de esclarecimento ao docente por parte de discente e, também, momento em que os integrantes da turma colaboram entre si buscando colaborar para a resolução do problema.

#### Exemplo (5)

Pró Daniele Freire, alguns de nós estamos com dúvidas em relação às questões para ser entregue no próximo módulo. Vc ficou de postar aqui no grupo as instruções. Ainda é possível? Eu por exemplo entendi que poderia ser sobre "inquietações" sobre a prática e não necessariamente sobre avaliação.

Visualizado por 27

1Daniele Freire

#### **Comentários**

Daniele Farei, sim. Até quarta postarei

Curtir · Responder · 2 · 4 de abril às 17:19 · Editado

Sara respondeu · 2 Respostas

Carmem, e como ficará a situação de quem já tinha enviado?

Curtir · Responder · 2 · 4 de abril às 22:06

Chay Eu tbm já fiz, mas não sabia que era para enviar, entendi que teria que entregar impresso no modulo de abril.

Curtir Responder 1 5 de abril às 08:19

De acordo com o exemplo (5), acima, nesta troca com os docentes, os discentes têm muita chance de se melhor sucederem no processo avaliativo como um todo, devido à possibilidade de diálogo sobre avaliação e instruções que se estendem além dos muros da instituição.

#### **5. Considerações finais**

De acordo com os dados expostos do grupo em análise (grupo PosAle-DCHL), é indubitável importância do grupo de *Facebook* para fins de viabilizar e facilitar o diálogo básico necessário entre partes envolvidas diretamente na construção e execução dos processos de ensino e

aprendizagem. Isso porque, o referido espaço oportuniza a prática interativa em ampla dimensão durante etapas decisivas na execução do curso como um todo. Por meio do instrumento tecnológico em análise, a coordenação do curso, na condição de articuladora pedagógica, encontra condições favoráveis ao acesso entre partes integrante (docentes e discentes) dos processos de ensino e aprendizagem, no sentido de desenvolver ações como:

- 1 acordo para escolha de data mais conveniente, considerando a necessidade e disponibilidade dos envolvidos e da instituição;
- 2 apoio ao desenvolvimento do processo como um todo e, sobretudo, fornecimento de material básico necessário (programa de curso, materiais didáticos); contribuir para a participação da turma em ações de extensão como (seminários, congressos) por meio de divulgação de eventos que tenha relação com o curso em si, conforme os exemplos (1) e (2) anteriormente apresentados;
- 3 e, sobretudo, contribuir para que haja diálogos de fácil acesso entre as partes em função de evitar problemas, relacionados à avaliação, como no exemplo exposto em (5).

Em se tratando do docente, o referido instrumental tecnológico também se faz de grande valia. Isso porque oportuniza amplo diálogo entre as partes envolvidas (especialmente para com o discente), de modo a possibilitar fácil acessibilidade ao material didático e pedagógico, principalmente por oportunizar contatos anteriores ao contato de sala de aula (facilitando acesso a leituras prévias básicas aos discentes) e contato fácil posterior ao processo de ensino (muito útil, mais ainda, em função de dirimir dúvidas, quanto a trabalhos pendentes de caráter avaliativo), conforme os exemplos (4) e (5).

Referente aos discentes, é visível a utilidade do grupo de *Facebook* como espaço de diálogo entre as partes, visto que no referido espaço o público discente, o qual é a razão de ser dos processos de ensino e de aprendizagem, encontra oportunidade de se expressar como coletividade e também como indivíduo em função de dirimir dúvidas, expressar opinião, compartilhar material de apoio a pesquisa e extensão, etc. Nas participações de discentes fica evidente também que o grupo se firma como espaço de divulgação de eventos e experiência vivenciadas que tenha relação com o curso, como: foto da turma em eventos de sala de aula e fora dela.

De modo geral a coordenação percebe o mecanismo tecnológico

em estudo (grupo de facebook) como oportuno para facilitar o processo de operacionalização do curso como um todo, em que, todas as partes envolvidas são beneficiadas por meio de práticas que acentuam o bom andamento do curso em todos os âmbitos. O presente trabalho se faz útil também por servir como exemplo prático de ações viáveis por parte da instituição (professor ou coordenador) em função de contribuir para que os discentes (que são professores e/ou gestores que se encontram em curso de aperfeiçoamento profissional) se familiarizem mais com práticas de letramento digital em contextos de ensino e de aprendizagem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZERMAN, Charles. *Escrita, gênero e interação social*. Organizado por Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2007.

*DICIONÁRIO informal*. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 24-07-2019.

FERREIRA, Jaques de Lima.; CÔRREA, Barbara Raquel; TORRES, Patrícia Lupion. O uso pedagógico da rede social facebook. *Revista Redes Sociais e Educação: Desafios Contemporâneos, Revista Digital da CVA-RICESU*, vol. 7, n. 28 - 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/19009187-O-uso-pedagogico-da-rede-social-facebook-palavras-chave-rede-social-facebook-ambiente-virtual-de-aprendizagem-aprendizagem-colaborativa.html>>.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, vol. 26, n. 03, p. 335-352 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17.pdf>>. Acesso em: 24-07-2019.

JULIANI, Douglas Paulesky et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. *Revista Renote – Novas Tecnologias na Educação*, 10, n. 3, ISSN 1679-1916, 2012.

MILLER, Rae Carolyn. *Gênero textual, agência e tecnologia*. Org.: Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Trad.: Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda Becker. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento*

na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 24-07-2019.

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. Letramento digital e formação de professores. *Revista Língua Escrita*, n. 2, p. 55-69, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita\\_2.pdf](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita_2.pdf)>. Acesso em: 24-07-2019.

XAVIER. Antonio Carlos. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. *Calidoscópio*, vol. 9, n. 1, p. 3-14, jan/abr, 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/748/149>>. Acesso em: 24-07-2019.

\_\_\_\_\_. As tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no século XXI. *Revista Hipertexto*, vol. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf>>. Acesso em: 24-07-2019.

\_\_\_\_\_. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. *Revista Investigações*, vol. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1484/1157>>. Acesso em: 24-07-2019.